

GEOMINÓ: CONSTRUÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NO ENSINO BÁSICO DE GEOGRAFIA.

Vitória Marques Monteiro¹
Angélica da Silva Rodrigues²
Alexsandra Maria Vieira Muniz³

RESUMO

O presente artigo consiste na socialização da experiência pedagógica vivenciada com a construção de um jogo didático intitulado Geominó direcionado aos estudantes do ensino fundamental no intuito de incluir a participação dos sujeitos em sala de aula e propiciar um debate crítico acerca do conteúdo geográfico trabalhado. Diante da necessidade premente de mudança na prática pedagógica que impulsiona a construção de diferentes alternativas para cada realidade escolar e seus desafios tem-se como objetivo investigar como a construção e utilização de jogos didáticos junto aos conteúdos geográficos contribui para o processo de ensino e aprendizagem. A abordagem da pesquisa é considerada quali-quantitativa e foi realizada uma intervenção na escola da educação básica. A atividade foi baseada no jogo de dominó habitualmente utilizado, onde troca-se a imagem central da peça por elementos que queira ser trabalhado. Nesta atividade fez-se pesquisas bibliográficas, observações nas aulas de geografia, escolha do conteúdo transposição didática das regiões Norte e Nordeste em especial aos aspectos físicos, em que após a explanação do conteúdo durante aula na educação básica dividiu-se os estudantes em grupos onde puderam a partir das respostas completar o jogo do dominó, com as peças modificadas anteriormente pela equipe. O jogo de Geominó torna-se versátil, pois oferece possibilidades ao professor em utilizá-lo de acordo com os conteúdos ministrados durante o ano letivo. Assim, no contexto de sala de aula a atividade demonstrou sua importância ao dinamizar e incentivar novos entendimentos aos estudantes do ensino básico, explorando conceitos geográficos, além de proporcionar maior interação entre discentes e o docente.

Palavras-chave: Ensino, Jogos didáticos, Geografia.

INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de geografia sob as adversidades que assola a realidade do professor é pensar desde a sua formação, quanto a prática docente, as propostas de atividades que podem ser realizadas na escola, os métodos e metodologias que podem seguir, e o suporte que ele obtém ou não na sua caminhada enquanto docente. É refletir acerca das dificuldades encaradas para a realização de atividades em sala de aula, onde têm-se diversas críticas da comunidade acadêmica, ao mesmo modo que há propostas e programas que buscam aproximar as realidades entre a Universidade e a escola. Os principais discursos que se tem acesso é que os grupos

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, vitoriamarx26@gmail.com;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, rodrigues.angelicasilva@gmail.com;

³ Doutora pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, geoalexandraufc@gmail.com

julgam as ações que o professor realiza na escola, como retrógrada, ou que não consegue envolver por completo os alunos, mas pouco se reflete sobre os contextos educacionais, a carga horária que limita ações concretas em sala, a falta de infraestrutura que dificulta na construção de materiais e nos impedimentos para efetuar metodologias para além de aulas expositivas.

Dentro do espaço escolar o professor de geografia tem tido no decorrer do tempo a dificuldade de trabalhar com a capacidade do estudante em conceber representações geográficas que são distantes da realidade do mesmo, principalmente quando as escolas estão inseridas dentro de um contexto de vulnerabilidade social. Dessa forma, os professores se deparam com problemáticas relacionadas à falta de materiais que possam dar subsídios para se trabalhar as geografias ao redor do mundo além das questões extraescolares que dificulta a abstração desse estudante para uma análise de mundo numa escala maior do que ele está inserido.

É possível perceber também especificidades encaradas no ensino público quanto ao uso de tecnologias que quase inexitem nas unidades de ensino, a carga horária exaustiva que limita o docente e os estudantes a buscar pesquisas mais complexas das temáticas abordadas em sala, a infraestrutura comprometida das escolas que torna-se uma barreira para explorar os seus espaços e tudo isso se soma a uma formação fragilizada quanto a inserção desses professores e o de uso de recursos didáticos no cotidiano escolar.

Mesmo diante desta realidade, se faz necessária a construção de novas estratégias de ensino. Acerca de propostas para o ensino de geografia, Cavalcanti (1999, p.127) afirma que é necessário considerar o ensino como “processo de construção de conhecimentos e o aluno como sujeito ativo desse processo” e que se faz necessário propor “atividades de ensino que permitam a construção de conhecimentos como resultado da interação do aluno com os objetos de conhecimento.”.

Diante dessas reflexões, o presente artigo foi gerido a partir das discussões e do planejamento referente à disciplina de Oficina Geográfica III (material de geografia humana) do curso de Geografia licenciatura na Universidade Federal do Ceará. A proposta da disciplina consistiu na realização por parte de licenciandos do curso de geografia de uma intervenção direcionada ao ensino fundamental com o acompanhamento de um professor da área. Assim, a atividade foi realizada juntamente com o 7º ano do turno da tarde na escola EMEIFVF, no município de Fortaleza.

Dessa forma, a atividade teve como intuito promover uma intervenção na sala de aula através da utilização de recursos didáticos diferenciados, na busca de promover uma maior interação entre os estudantes e o professor, além de incentivar o processo de ensino e

aprendizagem nas aulas de Geografia. Piletti (2007, p. 151), ao discutir recursos didáticos afirma que “são componentes do ambiente de aprendizagem que dão origem a estimulação para o aluno”. Assim, esta pesquisa que tem como objeto de análise o uso do jogo Geominó no ensino de geografia, buscando a estimulação de aprendizagem do aluno.

Há uma diversidade de recursos que auxilia no processo de aprendizagem, como vídeo, música, informática, giz e quadro-negro, textos, mapas e globo, fórum simulado, grupos de trabalho, jornal falado e escrito, dramatização e também os jogos e simulações (Vieira e Sá, 2007). Assim, foi elaborado um jogo intitulado Geominó com a lógica do dominó em que se relaciona ao conteúdo ministrado pelo professor em sala de aula. Dessa forma, o trabalho exigia um diálogo prévio com o docente, a confecção do recurso didático, e uma visita prévia a escola em que foi realizada a atividade.

O planejamento e a realização da atividade trouxeram contribuições pautadas em três elementos principais que são a formação acadêmica e profissional dos discentes dos cursos de licenciatura, a formação pessoal tendo em vista os conhecimentos compartilhados ao longo da disciplina e a relevância social em perspectiva do papel da educação como norteadora do pensamento crítico e da consciência política de sujeitos ativos na sociedade.

Portanto, o trabalho busca refletir quanto aos usos de recursos didáticos atípicos do cotidiano da escola da referida instituição de ensino, e buscando além de entender as dificuldades de práticas diferenciadas, realizar uma atividade de intervenção em sala, prevendo as expectativas dos estudantes perante as dificuldades colocadas pelo professor e o jogo como uma das alternativas possíveis para mudanças progressivas no atual quadro de ensino.

O Geominó no ensino de Geografia se insere quando Cavalcanti (2010, p. 379) nos fala sobre o “desenvolvimento da habilidade de lidar com linguagens ‘alternativas’ na análise geográfica”:

Essa indicação está relacionada à necessidade de incorporar outras formas de linguagem [...] no ensino de Geografia. Aposta-se na possibilidade que essas linguagens têm de servirem à manifestação pelos sujeitos de sua diversidade subjetiva, de seus significados. A linguagem alternativa à verbal [...] requer abordagem interdisciplinar; [...] exige conhecimento mais sintético, conceitual.

Ainda segundo Vieira (2007), o jogo é lúdico, aceito por todas as idades, fora ou dentro da sala de aula, desafiam as habilidades e conhecimentos dos jogadores, que buscam estudar estratégias para vencer, estimulando uma maior interação social, a responsabilidade individual e coletiva, estimula o raciocínio lógico e melhora as tomadas de decisão. Segundo Klimek (2007), os jogos podem ajudar o professor na avaliação de alunos, como forma de diagnóstico

e também, motivar o aluno a aprender, além de estimular o pensamento lógico, a habilidade motora, o domínio do espaço, onde o aluno é o sujeito ativo.

METODOLOGIA

Inicialmente é preciso destacar que a abordagem da pesquisa foi qualitativa e quantitativa em que na perspectiva de Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. Ao passo que a pesquisa quantitativa apreende nexos externos (aparência) que se apresentam à observação ou experimentação, a de ordem qualitativa se volta, fundamentalmente, para as causas dos fenômenos sociais, contradições e processos intrínsecos, procurando examinar sua lógica e estrutura interna (essência), contrapondo-se às investigações de cunho positivista.

Fazendo caminharem juntas a descrição e a interpretação dos fenômenos mediante um conhecimento resultado da reflexão teórica e observação da realidade, procuramos apreender a realidade não mais no nível superficial de compreensão permitido pela percepção do todo ricamente articulado, mas também na possibilidade de conhecer mais profundamente esta realidade.

Assim, haja vista essa abordagem, a princípio foi realizado um levantamento bibliográfico, para entender os conceitos que abrangem o âmbito educacional, e o debate de autores a respeito da formação de professores, do ensino de geografia e do uso de materiais didáticos que auxiliem nas aulas. Buscou-se compreender o histórico da consolidação da disciplina de geografia nas escolas e a importância da inserção da pesquisa no espaço escolar. Se fez necessário também analisar os documentos da escola, o projeto político pedagógico, os materiais que a escola dispõe para auxiliar os professores, em especial o professor de geografia.

No intuito de registrar as informações ao longo do planejamento da intervenção se fez necessário a utilização de diários de bordo, fotografias, questionário e entrevistas semiestruturadas para melhor alcançar os objetivos da pesquisa, além de reunir os materiais que foram utilizados para a confecção do recurso didático.

A entrevista semiestruturada e a observação direta funcionaram como o principal instrumento de coleta das informações na busca de conhecer os processos e não apenas os resultados e produtos. Além do questionário aplicado junto ao docente em geografia foram anotadas no diário de campo, informações e impressões como também registros fotográficos de significativa relevância para a pesquisa.

A proposta de intervenção partiu de etapas desde a escolha da escola, o planejamento da atividade, a confecção do recurso didático e a realização da intervenção juntamente aos estudantes. Assim, em um primeiro momento a equipe contactou a EMEIFVF no município de Fortaleza, onde teve retorno positivo junto ao professor de geografia. Após o primeiro contato, a partir de orientações, foi elaborado um diagnóstico geral da escola desde a estrutura física à organização curricular, e através da equipe gestora, obteve-se informações consideradas significativas que serão apresentadas mais adiante. Seguidamente, foi construído o plano de aula orientado pela professora de oficina em busca de elucidar todo o conteúdo que seria direcionado, os objetivos traçados, e o que se buscava alcançar junto aos estudantes da educação básica através do recurso didático proposto. No plano evidenciou-se a metodologia, a forma de avaliação e o referencial teórico. Essas foram as etapas percorridas a princípio para construção da intervenção executada em sala de aula.

Pensando na ação realizada na escola, no momento inicial em sala de aula foi realizada uma transposição didática como revisão com os estudantes da turma do 7º ano sobre as regiões Norte e Nordeste especialmente em relação aos aspectos físicos, culturais, históricos, econômicos e sociais. Dessa forma, é importante salientar que a proposta contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2006) deixa bem evidente a compreensão necessária sobre os objetos da geografia escolar:

compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diferentes escalas (local, regional, nacional e mundial). As relações temporais devem ser consideradas tendo em vista a historicidade do espaço[...] como processo de construção social. (2006, p.43)

O desafio é despertar os discentes para uma geografia crítica e interativa, na qual a construção de conceitos se faz em conjunto, por meio da fala, da leitura, da interação através de jogos e a mediação indispensável do professor. Como afirma Cavalcanti (1998):

A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorre na escola, mas também fora dela [...] a ampliação desses conhecimentos, a ultrapassagem dos limites do senso comum, o confronto de diferentes tipos de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades operativas do pensamento abstrato são processos que podem ser potencializados com práticas intencionais de intervenção pedagógica. (1998, p. 12)

Vale destacar que os conceitos da Geografia e suas categorias devem fazer sentido para os estudantes, assim, segundo Callai (2011, p. 15) “fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando conteúdos”, e fazer com que os alunos tornem significativos para suas vidas estes conteúdos.”. Para Kimura (2008, p. 117), o ensino de geografia está “[...] voltando-se para a prática social dos alunos, sua escolarização e sua relação com o saber geográfico” e isto é bastante pertinente.

A partir da fala dos discentes sobre seus conhecimentos a respeito das referidas regiões, os ministrantes construíram o debate no intuito de revisar e esclarecer possíveis dúvidas que surgissem no decorrer da atividade. A partir desse momento, a atividade seguinte foi baseada no jogo de dominó.

No segundo momento, a turma foi dividida em duas equipes para a realização da atividade, em que, foi utilizado o recurso didático do jogo intitulado Geominó: “Dominó das Regiões Norte e Nordeste” através de imagens e perguntas referentes ao conteúdo abordado promovendo assim, uma situação de ensino e aprendizagem com conteúdo de Geografia Humana.

A necessidade de trabalhar de forma lúdica o conceito de região se justifica, uma vez que a regra básica do jogo era a seguinte: para se colocar uma peça do jogo baseado em dominó, era necessário acertar as perguntas previamente elaboradas, em cada rodada era feita uma pergunta relacionada ao tema estudado e revisado, se os estudantes acertavam a questão, colocavam uma peça, se errassem passava a vez, e assim sucessivamente.

No fim da atividade foi celebrado o sucesso da realização da intervenção com os estudantes e o docente presentes através da distribuição de bombons, como uma retribuição e reconhecimento da colaboração de todos para o êxito da atividade. Nessa ocasião pôde-se ouvir os agradecimentos e a satisfação de toda a turma com a atividade realizada.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste artigo articula como pautas principais de estudo a escola, a formação docente, o ensino de Geografia e a utilização dos recursos didáticos-pedagógicos em sala de aula. Ao tecer o debate acerca dessas questões que estão inter-relacionadas é preciso buscar referências de autores que reuniram pesquisas e discussões importantes no campo teórico da educação.

A escola pode ser observada como um importante agente em que os sujeitos que a compõem promovam discussões pertinentes à sociedade além de possibilitar a construção de conhecimentos e pensamento crítico. Diante disso, o olhar do pesquisador deve também se direcionar a nível estrutural, pois o campo educacional está redimensionado por fatores e fatos que são reproduzidos pela sociedade historicamente, seja em relação às políticas educacionais, às condições das escolas, especialmente as públicas, os subsídios disponíveis, a formação dos discentes e docentes e a atuação dos outros sujeitos escolares. Assim como afirma Pontuschka (2007, p. 61):

A discussão contemporânea sobre conteúdos de ensino beneficia-se das reflexões, debates e produções sobre currículos escolares e sobre os condicionantes históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais em sua elaboração e adoção. Além de permitir a compreensão da relação sociedade-cultura-curriculo-práticas escolares e dos programas de ensino das disciplinas no passado, fundamenta melhor a análise dos currículos e programas de ensino atuais.

Perante a situação da escola pública o professor de geografia tem um papel importante no processo de ensino e aprendizagem e na inserção desses sujeitos na construção do conhecimento geográfico, especialmente ao se tratar das geografias do mundo, as dificuldades aumentam de forma exponencial. Contudo, é de suma importância que o ensino venha correlacionado com a realidade dos alunos, e que o professor tenha subsídios para explorar as geografias junto aos sujeitos, ou seja, é necessário compreender a geografia como todo, mas também partindo do lugar dos sujeitos.

No que se trata sobre a busca de alternativas que facilitem a abordagem e compreensão dos conteúdos geográficos em sala de aula, se faz necessário o estudo sobre os recursos didáticos como instrumentos de ensino. De acordo com Passini (2007, p. 111):

[...] Como professores de Geografia, precisamos insistir nesses recursos e orientar sua aquisição pela escola, para que todas as salas de aula tenham o planisfério, o mapa do Brasil físico e político [...]. Devemos ter sempre preocupação com a educação geográfica, a construção de referências de lugar e de tempo dos fenômenos em estudo.

Desse modo, é importante considerar que no processo de ensino e aprendizagem os recursos didáticos são instrumentos que colaboram no enriquecimento de informações, na melhor forma de concretização dos conteúdos trabalhados e aproxima a comunicação dos sujeitos envolvidos. Assim, como pondera Piletti (2004, p.5) é necessário que se realize questionamentos e avaliações constantes sobre o uso desses recursos na concretização do ensino e aprendizagem na sala de aula. Desse modo Piletti (2004, p.5) afirma que:

[...] para que o professor não se torne escravo do instrumental didático, deve saber questioná-lo e avaliá-lo a partir da realidade em que atua. Nesse sentido, é importante que tenha uma visão ampla e profunda do contexto em que desenvolve sua atividade docente.[...]

A partir dessas reflexões percebemos que a utilização de jogos em sala de aula se torna uma ferramenta para auxiliar o professor no que tange à fixação dos conteúdos explorados dentro do contexto escolar. Segundo Bertulino Verri, (2009, p. 68):

[...] o jogo não assume o papel do professor em ensinar o conteúdo. O jogo apenas tem o papel de auxiliar o professor no processo de ensino como um exercício de assimilação e fixação do conteúdo passado pelo professor. Tornando, dessa forma, indispensável à presença e a orientação do professor na sala de aula. O professor, nesse sentido, passa de ser apenas comunicador de conhecimento para incentivador e mediador do processo de aprendizagem e construção do saber pelo aluno [...].

É importante destacar também que a utilização de jogos educativos em sala de aula permite aos estudantes uma participação ativa na construção do conhecimento além de promover uma interação positiva no processo de ensino e aprendizagem. Assim, como aponta Breda Vichiato (2013, p. 06):

Como aspecto positivo, é interessante destacar que o jogo pode permitir uma aprendizagem dinâmica, pois é um facilitador da aprendizagem, já que estimula seu desenvolvimento. Em contrapartida, a consequência desse estímulo pode gerar uma competição. Essa Competição não necessariamente é negativa, pois o fato de o jogador buscar a vitória o leva a um esforço “prazeroso” e a uma motivação para superar dificuldades. [...]O jogo, além de permitir essa motivação, é um material que, quando bem elaborado e aplicado, pode despertar a atenção do aluno pelo fato da novidade e do diferente.

Dessa forma, a atividade proposta na disciplina de graduação promove um planejamento e um contato próximo aos ofícios docentes incentivando assim uma maior aproximação da Universidade ao ensino básico. Além disso, a proposta possibilita a reflexão e o debate sobre as teorias e metodologias presentes no ensino de Geografia contribuindo para a pesquisa no âmbito educacional especialmente na formação inicial e continuada de professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da pesquisa se observa através de evidências em que se percebe uma nova perspectiva da escola na visão dos estudantes em formação nos cursos de licenciatura em Geografia. Assim, atentar o olhar do pesquisador aos elementos e sujeitos que compõem a escola é uma questão fundamental que deve ser debatida e que enriquece a formação inicial de professores. Diante da pesquisa foi possível analisar que a escola em que ocorreu a prática de ensino possuía problemas estruturais que dificultava a realização de atividades fora da sala de aula, como exemplo a quadra poliesportiva que não detinha de estrutura mínima para seu uso. Os espaços da escola pode ser utilizada para a efetivação de atividades e a Geografia também pode utilizá-los como ferramenta de ensino apesar de suas adversidades. Observou-se através deste estudo que não era oferecido ao professor uma diversidade de materiais didáticos pedagógicos para auxiliar na problematização dos conteúdos ministrados obtendo à sua disposição apenas o livro didático. Vale ressaltar que essa realidade assola outras escolas do município que enfrentam problemas acerca de sua infraestrutura, além de problemáticas, como a violência urbana, a vulnerabilidade socioambiental, e a falta de recursos humanos e financeiros para a sua prosperidade. Assim, como aponta Cavalcanti (2011, p. 45) sobre o “descrédito e enfraquecimento das instituições como a família e a escola no sentido de serem referência para o mundo jovem, percebe-se um distanciamento maior, colocando os alunos em posição reativa, de desapego, de enfrentamento, de violência, de estranhamento da escola[...]”.

Se faz necessário compreender que romper este cenário não é uma ação somente do educador, mas é preciso fazer do ambiente escolar algo mais agradável, dialógico, divertido menos “decoreba” e “enfadonho” que faça sentido, e para isto é fundamental fazermos da escola e do processo de ensino e aprendizagem algo que os motive. Para Muniz (2012, p. 81) há:

[...] necessidade dos conteúdos ministrados serem problematizados, contextualizados e relacionados á vivências dos alunos, valorizando seus conhecimentos prévios, se partirmos do pressuposto de que a melhor forma de motivação está presente no cotidiano de nossos alunos. Ou seja, aproximarmos a forma de dar aula com a vivência dos estudantes. Uma maneira de fazer isto é usar diversas linguagens.

Dessa forma a utilização de recursos didáticos que exploram diferentes linguagens contribui no processo de aprendizagem. Assim, conforme Castellar (2010, p. 69) o uso de “diferentes linguagens na escola levarão o aluno a desenvolver operações e processos mentais que contribuem para a construção da competência leitora.”. Entretanto, Vieira e Sá (2007, p. 102) alertam que “um bom recurso nem sempre garante a aprendizagem significativa do aluno”. No que diz respeito ao ensino de Geografia há uma diversidade de instrumentos e técnicas que podem auxiliar nesse processo. Na opinião de Kimura (2002, p. 137), estas técnicas podem trazer inúmeras “possibilidades, passando da representação cartográfica de cunho geográfico às ilustrações das mais diversas, às dramatizações, à produção de textos, e tantos outros possibilidades de reapresentação”. Além disso, cabe destacar que as linguagens educacionais são incentivadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s):

Linguagens (cartográfica, textual, corporal e cênica, iconográfica e oral) servirão de apoio para as aulas de Geografia, ou seja, são um instrumento mais adequado para fazer a leitura do meio geográfico e de seu uso, o que supõe o exercício da interdisciplinaridade. (BRASIL, 2006, p. 50).

A geografia está intimamente ligada a outras linguagens que auxiliam em suas interpretações e análises, os PCN’s (1998) afirmam que “a Geografia [...] recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos.” (BRASIL, 1998, p. 33).

Um dos desafios da escola é demonstrar aos estudantes que o que lhes é ensinado em sala de aula transborda sua aplicabilidade além dos muros da escola, servem para sua vida. Para tanto, é preciso o educador exercer sua autonomia. A gestão escolar tem papel fundamental para encontrar formas que possibilitem o exercício da autonomia do professor, e dispor dos materiais que sejam necessários para buscar diversificar as aulas, e certamente essa ação está diretamente ligada às políticas educacionais que são direcionadas por grupos que estão situados setores que por vezes não dialogam com outros grupos associados à educação. Observou-se que a escola em estudo dispunha de uma gestão mais apartada das questões didáticas, devido a grande carga

burocrática que são direcionadas às escolas, o que dificulta contribuições efetivas às dinâmicas ao pensar em metodologias didático-pedagógicas.

Aqui salienta-se a concepção de Libâneo (2001,p.117-135) acerca da gestão democrática-participativa. Esta maneira de organizar o trabalho pedagógico não nega a hierarquia nem deixa tudo na responsabilidade de todos. Seu objetivo está em criar e manter relações orgânicas dentro do processo além de construir ecossistemas comunicativos entre a gestão escolar e os demais sujeitos. Defende a coletividade e a gestão compartilhada, assim todos possuem saberes e competências necessários ao exercício da função, mas nada acontece de maneira individualizada.

Apesar de ainda haver um longo caminho a ser percorrido, a questão democrática na escola avançou nas últimas décadas. No contexto jurídico brasileiro a constituição federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996 apontam as principais diretrizes para uma gestão escolar democrática (BRASIL, 1988;1996). Esse aparato legal veio a contribuir para uma atuação mais autônoma por parte das escolas.

No entanto, não é frutuoso apenas que a escola disponha de todo um suporte para propiciar ao docente a possibilidade de conceber aulas que fujam dos modelos tradicionais, porém o professor não usufrui por vezes envoltos pelo medo de novos desafios, e acredita que tais práticas impossibilitam suas aulas. É necessário a conscientização política dos docentes em compromisso com a educação e que lutem por sua autonomia dentro de sala para realização de atividades diversificadas, dada a pluralidade discente e a possibilidade de aguçar diferentes competências e habilidades.

Durante esta pesquisa tornou-se necessário a análise, a partir dos estudantes, como poderiam ser realizadas as atividades na escola no intuito de minimizar as dificuldades de aprendizagem, buscando perceber quais ações poderiam melhorar o cotidiano em sala de aula. Assim, percebeu-se a necessidade em diversificar as metodologias em sala, para facilitar a compreensão de determinados conteúdos em que as aulas expositivas não conseguiam propiciar a aprendizagem dos discentes.

A atividade de intervenção possibilitou perceber como o envolvimento dos estudantes para buscar a respostas através da pesquisa e do jogo, trouxe diversos benefícios para a interação do grupo do 7º ano. Geralmente os estudantes estavam dispersos durante as aulas expositivas, diferente de quando inserimos um jogo para dinamizar os conteúdos, em que o estudante tornava-se agente ativo no processo de aprendizagem, especialmente ao observar o empenho e a interação ao responder as questões no jogo Geominó. Desse modo, percebe-se que as ações,

mesmo que pontuais no contexto escolar traz contribuições relevantes na busca de um diálogo mais pertinente entre escola e Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na percepção da efetivação das ações didáticas pedagógicas nas escolas, percebe-se que para sua concretização é necessária que ela envolva os grupos que redimensionam as questões ligadas ao campo educacional, diz respeito à área da gestão de políticas públicas educacionais, para o suporte e formação do professor, a escola como reguladora e intensificadora desse processo e o professor que tem que demonstrar o compromisso com a profissão, fazendo com responsabilidade.

Assim, o presente trabalho instiga reflexões a respeito de desafios que integram a formação docente, as problemáticas envolvidas nos espaços escolares aliada a escassez de recursos e materiais didáticos - pedagógicos, tendo em vista as gerações que pertencem ao meio técnico-científico-informacional inserida em contextos sociais, econômicos, políticos e culturais diversos. Tendo em vista esse panorama, a escola, a Universidade e os sujeitos envolvidos no contexto educacional deparam-se com adversidades imensas ao lidar com esse processo.

No entanto, é importante salientar que no contexto da escola pública, assim como, nas pesquisas realizadas na Universidade surgem alternativas e possibilidades que trazem mudanças no cotidiano da sala de aula, com os sujeitos que participam e conhecem as problemáticas e as expectativas daqueles que integram a comunidade escolar e acadêmica.

Portanto, Os professores são agentes das transformações das práticas de ensino, já dizia Henry Giroux acerca dos Professores como Intelectuais Transformadores. Giroux (1997) afirma que os professores não podem ser vistos como técnicos ou burocratas, mas como pessoas ativamente envolvidas nas atividades da crítica e do questionamento, a serviço do processo de emancipação e libertação.

Dessa forma, é preciso que os sujeitos interessados e envolvidos no campo educacional atente-se às discussões de forma profunda, especialmente aos educadores e educandos que compõem o ensino em Geografia tendo em vista a função técnica e social que os profissionais da área obtém ao longo de sua formação, na busca dos conhecimentos necessários acerca dos instrumentos e sua utilização, como também da dimensão pedagógica em defesa da transformação social, da democracia e do direito à informação e ao questionamento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em 06 mai. De 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional** (1996). Lei nº 9.394, Editora do Brasil. 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. & gt; Acesso em 18 mai. de 2018.
- BRASIL, **Ministério da Educação**. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALLAI, Helana Copetti. **Educação geográfica: reflexão e prática**. Coleção Ciências Sociais. Editora Unijuí. Íjuí, Rio Grande do Sul. 2011.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. Cengage Learning, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Concepções teórico-metodológicas da geografia escolar no mundo contemporâneo e abordagens no ensino. In: SANTOS, Luciola L. C. [et al.] (orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 369 – 391.
- CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia: Escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Jovens escolares e suas práticas espaciais cotidianas: o que tem isso a ver com as tarefas de ensinar Geografia**. Educação geográfica: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 35-59, 2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Propostas Curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise**. Terra Livre. São Paulo: AGB, n. 14, p. 125-145, jan.-jul, 1999. Disponível em:<http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74464622/desenvolvimento_aprendizagem.pdf >
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 270 p. pp. 157-164.
- KIMURA, Shoko. **Caminhos geográficos traçados na literatura: uma leitura didática**. Revista Geografia & Ensino. Belo Horizonte, ano, v. 8, 2002.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. Contexto, 2008.
- KLIMECK, R. L. C. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko (Org.). **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- LIBÂNEO, J. C. O sistema de organização e gestão da escola. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola - teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001, p. 117 – 135.
- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MUNIZ, Alexsandra. **A Música nas aulas de Geografia**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, Minas Gerais. 2012.
- PASSINI, Elza Yasuko. **Recursos didáticos do quadro-negro ao projetor, o que muda?**.Práticas de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL, Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação, v. 3, p. 43-63, 2006.
- PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Atica, 2004.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia, representações sociais e escola pública**. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.145-154, 2000.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- THIARA, Vichiato Breda. **O uso de jogos no processo de ensino aprendizagem na Geografia escolar**/-- Campinas, SP.: [s.n.], 2013
- VERRI, Juliana Bertolino; A importância da utilização de jogos aplicados ao ensino de Geografia, In: **I Simpósio sobre pequenas cidades e desenvolvimento local e XVII Semana de Geografia**, 2008, Maringá. Anais da XVII Semana de Geografia, 2008.
- VIEIRA, Carlos Eduardo; SA, M. G. Recursos Didáticos: do quadro – negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra. (Org.). **Prática de Ensino de Geografia e o Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.